

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS

E

ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Fundada em Lisboa em 1865, e estabelecida na antiga igreja do Largo do Carmo.

BOLETIM ARCHITECTONICO E D'ARCHEOLOGIA

N.º 2

SUMMARIO

Relatorio da Real Associação do anno findo, pelo 1.º secretario architecto Valentin José Correia, pag. 17 — *Castello de Leiria*, (continuação) pelo socio correspondente o sr. Victorino da Silva Araujo, pag. 19 — *Elogio historico*, do architecto João Pires da Fonte, pelo socio architecto José Antonio Gaspar, pag. 21 — *Descoberta d'uma villa rustica romana em Leiria*, pelo socio J. da S., pag. 24 — *Pintura em pergamimho*, pelo socio Abbade de Castro, pag. 24 — *Apontamentos archeologicos*, pelo socio correspondente F. A. Rodrigues d' Gusmão, pag. 25 — *Numismatica portugueza*, pelo socio Jorge Cesar Figanière, pag. 26 — *Discripção da Ara de Trajana*, pelo socio correspondente Augusto Cesario Pinto, pag. 28 — *Templo de Diana em Epheso*, pelo socio J. da S., pag. 29 — *Profanação e Vandalismo*, pag. 30 — *Chronica do trimestre*, pag. 30 — *Lista dos nomes dos novos socios*, effectivos e correspondentes nacionaes e estrangeiros, continuação da que foi publicada no n.º 7 do jornal d'esta Associação e Archivo de Architectura Civil, pag. 31 — *Publicações nacionaes e estrangeiras* offerecidas á Real Associação dos architectos e archeologos portuguezes, pag. 31 — *Bibliographia*, pag. 32 — *Necrologia*, pag. 32.

RELATORIO

APRESENTADO NA SESSÃO SOLEMNE DE 31 DE MAIO DE 1874
PELO 1.º SECRETARIO VALENTIM JOSÉ CORREIA

SENHORES:

Em cumprimento do artigo 5.º dos estatutos da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, vem o conselho facultativo d'esta Associação apresentar-vos um resumido relatorio dos seus trabalhos, respectivos ao periodo decorrido desde a anterior sessão solemne que teve lugar em 30 de maio de 1873 até á presente sessão; bem como de outras occorrencias que houve durante este periodo.

Não obstante ter sido contrariada a boa vontade que possuiam os membros do conselho de promoverem prompta solução nos trabalhos de que fossem incumbidos, já com a ausencia de dois d'esses membros por causa de pertinaz doença que estão soffrendo, já com a perda de um terceiro que falleceu no mez de julho, como tambem por os mais estarem muito sobrecarregados de affazeres obrigativos dos seus empregos; contudo occupou-se o conselho, a par dos variados assumptos de mero expediente, de outros de maior importan-

cia, sendo um d'elles o projecto de reforma dos estatutos da Associação, o qual está bastante adiantado e brevemente será submettido á discussão da assembléa geral.

Teve esta Associação a honra de Sua Magestade o Senhor D. Fernando a constituir depositaria de trinta e nove photographias mettidas em especiaes molduras, tiradas dos objectos mais notaveis do seu museu; estas photographias estiveram na exposição internacional que teve lugar em Vienna d'Austria no anno de 1873.

Dignou-se o sr. Ministro do Reino de consultar a nossa Associação ácerca da proposta de venda da propriedade denominada *Troia*, ao sul do Sado, apresentada ao governo por Francisco Maria Cabral, não só com relação ao preço proposto, como tambem ao modo pratico da sua aquisição e importancia historica das antiguidades n'ella existentes; para cujo fim nomeou o conselho uma commissão de tres dos seus membros, encarregando-a de proceder aos devidos exames oculares e mais estudos indispensaveis para o habilitarem a poder elaborar o parecer que teve a honra de merecer a approvação da assembléa geral, na sessão de 7 de julho de 1873.

A doença e fallecimento do nosso primeiro continuo e recebedor José Maria da Silva fez com que o conselho admittisse Manuel Antonio da Silva com as mesmas

obrigações e remunerações que aquelle tinha, e depois de haver prestado a competente fiança, convicto de que este novo empregado, no desempenho do serviço que lhe cumpre, imitará o seu antecessor, que serviu sempre a contento de todos os socios.

Recebeu se, tanto da secretaria d'estado dos negocios da guerra, como dos da marinha, a importancia correspondente á quantidade de exemplares com que tinham assignado para a publicação do jornal da Associação, e com relação aos dois ultimos numeros que o conselho lhes remetten, não obstante saber que por medida economica haviam sido suspensas as auctorisações para taes despesas; e obteve-se das mesmas secretarias a renovação d'essas assignaturas, e ser pago o importe d'ellas logo que recebam algum numero.

Com este auxilio julga o conselho poder-se publicar com alguma regularidade uma nova serie do jornal, reformado conforme foi resolvido pela assembléa geral, e sem conter apparatus desnecessario, porque d'este modo ha probabilidade de se cumprir uma das disposições dos actuaes estatutos, e effectuar as reciprocas trocas com as outras associações nacionaes e estrangeiras; posto que a maior parte d'ellas não têm cessado de nos brindar com as suas publicações.

Apraz ao conselho o poder annunciar-vos que o primeiro numero d'esta nova serie está impresso e hoje mesmo começa a sua publicação.

Tendo-se recebido o retrato do nosso fallecido socio correspondente Mr. de Caumont, com que a sua viua nos brindou, foi convidado o sr. Estacio da Veiga para escrever o elogio historico d'aquelle distincto archeologo.

Vendo o conselho que a parte do edificio da Associação que estava coberto era insufficiente para arrecadar tamanho numero de objectos que já estão depositados no museu, sem deixar de haver o preciso espaço para se poder funcionar, quanto mais os que estão constantemente entrando, solicitou do governo de Sua Magestade, pelo ministerio das obras publicas, que fosse coberta uma parte proximo da porta da entrada, afim de ser para ali mudada a residencia do guarda, e com a casa que elle assim deixava de occupar ampliar-se o mesmo museu; este pedido teve deferimento e logo foi effectuada a obra: tudo com a mesma benignidade como sempre por aquella superior repartição têm sido attendidos os nossos pedidos.

Com este augmento não foi ainda possivel collocar devidamente os objectos existentes no museu, pelo modo como estão em identicos estabelecimentos em alguns paizes; todavia espera o conselho que não será por muito tempo que elles estejam irregularmente amontoados, como agora se acham, por falta de espaço coberto.

Devido á iniciativa do nosso dedicadissimo socio, o sr. Francisco José de Almeida, obteve-se ha pouco a bem fundada esperanza de que a Camara Municipal mande remover pelas suas carroças, para fóra do edificio da Associação, a grande quantidade de entulho que está dentro do mesmo edificio; e este melhoramento irá por certo facilitar que mais tarde se possam realizar outros que são tambem muito necessarios.

O nosso socio, o sr. Visconde de S. Januario, brindou a Associação com uma photographia da vista externa do hospital recentemente construido em Maciu, e participou que fa mandar uma collecção de instrumentos de musica, dos que os povos d'aquelle paiz antigamente usavam.

Annuindo ao convite da Associação Promotora do Desenvolvimento das Linguas Orientaes, convidou o conselho o socio o sr. Visconde de Menezes para se dignar ser nosso delegado junto d'aquella associação.

Tem-se continuado a receber não só da Associação dos Engenheiros Civis Portuguezes, da dos Architectos do departamento do norte de Lille, da dos Architectos em Allemanha, e de outros paizes, como tambem de diversas associações archeologicas, as suas publicações. Igualmente se têm recebido de alguns socios nacionaes e estrangeiros as publicações que ultimamente effectuaram, como são: os srs. Carlos Ribeiro, Emiliano Augusto de Bettencourt, Emilio Cartailhac e outros mais.

Augmentou-se o museu durante o periodo que fica dito com os seguintes objectos: um importante mosaico romano do pise da maior parte de uma casa, descoberto em Leiria, devido á inextinguivel actividade e zelo do nosso actual presidente o sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva; uma pedra de lavor antigo, depositada pelo sr. Estacio da Veiga, que fóra achada em Cuba, proximo de Beja; um acicate, depositado pelo sr. José Telles Caldeira Castello Branco e Vasconcellos, achado na sepultura do almirante-mór, Nuno Vaz de Castello Branco, em Alemquer; um cippo e duas sepulturas romanas, depositados pelo sr. Visconde de Alemquer, encontrados em excavações que este senhor mandou effectuar na sua propriedade na villa de Alemquer; trinta e um fosseis de mariscos, depositados pelo sr. Joaquim da Conceição Gomes, que os achou n'umas collinas da freguezia do Milharado, distante de Mafra 12 kilometros, e do mar 16; e duas pedras, depositadas pelo sr. Francisco Xavier de Paiva, achadas em Lagos, contendo caracteres que por emquanto entre nós são desconhecidos; já se mandaram os respectivos desenhos para nas principaes associações e institutos de archeologos serem estudadas aquellas inscripções e assim saber-se a que povos dizem respeito.

+ e em allalvo.

Deixaram de vir diversos objectos que estavam destinados para o nosso museu, pertencentes á igreja de S. Domingos em Santarem, que se acha no maior estado de ruína, em consequencia de tratarem de estabelecer n'aquella cidade um museu archeologico, a exemplo dos que ultimamente se têm realisado em outras cidades do reino.

Estes factos revelam que o poder destruidor do camartello, exercido com tanto excesso ainda não ha muitos annos contra preciosissimas antiguidades, vae já desaparecendo para ser substituido pela devida apreciação, e pelo desejo de bem guardar essas reliquias que legaram os nossos antepassados; bem como que o exemplo e iniciativa d'esta Associação vão felizmente encontrando imitadores.

O nosso pezar por termos perdido alguns socios nacionaes e estrangeiros foi minorado pela aquisição de maior numero de socios novos, cujos auxilios hão de concorrer não pouco para a prosperidade d'esta associação.

O CASTELLO DE LEIRIA

(APONTAMENTOS E CONJECTURAS)

*Pelo socio correspondente o sr. Victorino da Silva
Araujo, professor do Lyceu em Leiria*

(Continuado do n.º antecedente, pag. 10)

D'este sentimento, se me não engano, é tambem o commentador da Historia Portugueza, Mr. de La Clede. Chronistas ha porém que, apoiados talvez na tradição, a qual se pôde ver na Mon. Lusitana, part. 3.ª l. 9, cap. 25, seguem a opinião contraria, isto é, que o castello foi tomado á viva força. Effectivamente as circumstancias que offerecem as armas de Leiria, que são um castello, e junto a el'le um pinheiro, pousando sobre o pinheiro um corvo, e sobre o castello uma estrella; a denominação de *Cabeço de El-Rei* que ainda hoje conserva uma pequena eminencia na margem esquerda do Liz, e a porta chamada traição ao N., que ainda existe, e por onde, dizem, entraram os portuguezes quando tomaram o castello; estas circumstancias, digo, algum principio haviam de ter. Do *Cabeço* se diz que estivera ali acampado o Senhor D. Affonso na vespera do feito. Finalmente o nosso Epico (se em assumptos historicos tem legitimo peso a auctoridade d'um poeta) secunda a mesma opinião cantando no canto 3.º, est. 55, do seu immortal poema:

Passado já algum tempo que passada
Era esta grã victoria, o Rei subido
A tomar vai Leiria, que tomada
Fôra mui pouco havia do vencido.

Recuperado pois, ou simplesmente reedificado, se conservou o Castello de Leiria no poder do Senhor D. Affonso Henriques, que deu o senhorio d'elle, diz D. Luiz Caetano de Lima, á Infanta D. Thereza, sua filha.

O mesmo escriptor falla de uma segunda perda, e successiva restauração, no anno de 1195, reinando já o Senhor D. Sancho I, devia ser alcaide-mór João Carapçal, que n'uma doação de 1189 assigna com este titulo (vid. Prov. da Hist. Gen. da Casa Real); porém nem Fr. Antonio Brandão, que tão minucioso era e tão investigador, nem tão pouco Faria e Sousa, especificam este acontecimento, que comtudo deixa quasi provado Francisco Brandão na 5.ª Part. da Mon. Lusit. L. 17, C. 56. D'onde tambem consta que o mesmo rei deu novo foral a Leiria.

Em compensação, diz Brandão, que em Leiria estava o conde de Bolonha, por lhe ter aberto as portas o Alcaide, que então era pessoa de sua valia, quando o Infante de Castella D. Affonso penetrou até Abiul em auxilio do Senhor D. Sancho II; e que de Leiria mesmo expediu o arcebispo de Braga a sua monitoria contra o infeliz monarcha e o Senhor D. Infante. E que finalmente em Leiria reuniu côrtes o mesmo conde em 1254, sendo já rei. O alcaide chamava-se Martim Fernandes.

Nas côrtes que o mesmo rei celebrou em Leiria pelo anno de 1258, segundo diz Fr. Francisco Brandão na 5.ª parte da Mon. Lusitana, L. 16 C. 6.º, foram publicadas as cartas do rei de Castella, pelas quaes dimittia ao rei de Portugal a ajuda das cincoenta lanças com que este era obrigado a soccorrel-o pelas rendas do Algarve; d'onde o mesmo rei de Portugal ajuntou d'ahi em diante a seus titulos o de *Rei do Algarve*. (Nota B.)

O Senhor D. Diniz, e a santa Rainha sua esposa, tiveram por muito tempo a sua côrte em Leiria, mostrando o amor que lhe tinham alem da sua frequente presença, com as consideraveis obras que lhe fizeram, taes como os paços, ou alcaçar talvez, a torre da menagem e a reparação da igreja.

E não o digo sem razão; porquanto, alem de constar, segundo a Chorographia Portugueza do padre Carvalho, que Santa Izabel renovou e ornou a igreja do Castello, da qual era muito devota, ainda hoje se pôde ver ao lado direito da porta da torre da menagem um letreiro, que, na parte até agora respeitada pelo tempo, diz assim:

... CCC: LXII: ... ESTA: TORE: CO

... VIII: DIAS: DO ...

NOBRE: DON: DINIS: REI: DO: PORTVGAL...

LGARVE

Por baixo ha quatro escudos rasos, collocados em linha recta parallelamente á inscripção. O primeiro já está apagado; o segundo e o quarto são os do reino, mas só com as quinas; o terceiro, que naturalmente correspondia ao primeiro, dividido em quatro pallas; e eram, creio não me enganar, as armas de Aragão, das quaes usaria a Rainha Santa Isabel.

Esta inscripção tem semelhança com as que, no reinado do mesmo soberano, foram gravadas nos castellos de Tavira e Alandroal; de que dá conta a Mon. Lusit. Part. citada. L. 17.º Cap. 17.º

Antes dos tres CCC da data falta sem duvida um M, era que, reduzida á vulgar, coincide no anno de 1324, o penu timo da vida mortal do Senhor D. Diniz.

As letras C O, em que termina a primeira linha podem ser a primeira syllaba de COMEÇADA, que devia continuar no principio da linha seguinte. Entre LXII e ESTA devia estar FOI. Antes da NOBRE estaria PELO. As outras lacunas não poderão encher-se já agora.

O alcaçar, ainda que não com tanta probabilidade, tambem podia ser obra d'este monarcha; pois que vindo elle aqui assistir muitas vezes não ha vestigios de outra habitação mais commoda e decente. É verdade que podia igualmente ter sido construida pelo Senhor D. Affonso Henriques, ou outro dos seus descendentes sem ser o Senhor D. Diniz, mas não acho tão verosimil, que elles, que andavam sempre entretidos em guerras, e apenas de passagem vinham a Leiria, se occupassem n'uma construcção d'aquellas, que nada tem de mesquinha, como um monarcha que vivia muito n'estes sitios, e os apreciava tanto que fez d'elles uma prenda, como logo se dirá, para sua virtuosa esposa. Esta consideração, pois, pouco invalidaria a minha conjectura, se não fôra a circumstancia que passo a relatar.

Existem ainda hoje no alto de uma parede do dito alcaçar, olhando ao norte, entalhadas n'uma pedra, as armas do reino, orladas dos sete castellos e assente sobre a cruz de Aviz, cujos remates sobresaem nos quatro lados do escudo.

Ora, como quem poz o escudo real sobre a cruz de Aviz foi o Senhor D. João I e quem reduziu aquelle numero, e supprimiu ou retirou a cruz de Aviz foi o Senhor D. João II, parece inquestionavel que o auctor do alcaçar não foi, como dizia eu, o Senhor D. Diniz, nem algum de seus antecessores, mas sim o Senhor D. João I. Tendo voltado ao castello a certificar-me, tor-

nei a observar, e com effeito sobre a corôa das ditas armas lá se vê ainda a divisa do Senhor D. João I, que era, segundo a desenha Faria e Sousa, em ramos com fructos. Á vista d'isto parece decidi-lo que o alcaçar foi feito, ou, ao menos, acrecentado por este soberano.

Nem obsta o numero septenario dos castellos, porquanto, apesar de já o Senhor D. Affonso IV os ter restringido a oito, parece que sempre o seu numero continuou arbitrario, até ser definitivamente fixado pelo Senhor D. João II.

Em 4 de Julho de 1300 fez o mesmo rei doação da Villa (Nota C) á santa rainha, sua consorte.

É este o maior titulo da nobreza de Leiria. E como as mercês do Senhor D. Diniz não costumavam ser de baixo preço, e a donataria era tal Senhora, demonstrado fica tambem quanto a era a importancia da terran'aquelle tempo.

Antes da Rainha Santa Isabel tinha o senhorio de Leiria D. Affonso, filho do Infante D. Affonso irmão d'El-Rei. Este Principe morreu moço, e seria por sua morte que, revertendo á Corôa, El-Rei o dêsse á Rainha Santa.

Quando nos ultimos annos do Senhor D. Diniz o Infante D. Affonso, seu filho, revoltando-se, marchava de Coimbra seu pae e rei, os moradores de Leiria, ingratos, força é dizel-o, e mal avisados, abriram as portas do castello ao Principe rebelde e impio. Sabendo isto, El-Rei caiu sobre Leiria, determinando queimar a villa e exterminar os criminosos. Bem depressa a consciencia da culpa, e quicá o temor do castigo, tomaram o logar do arrojo. Fiados no bom natural d'El Rei, muitos dos referidos moradores foram esperar-o a Alcobaça para lhe pedir perdão.

Não lhes valeria comtudo o seu arrependimento, -nem o bello coração d'El-Rei, se, no mesmo instante em que se dispunha a punil-os, lhe não chegassem novas que D. Affonso se apossára de Santarem. Foi a salvação dos infelizes; porque El-Rei, com a pressa de acudir, mandou suspender as execuções, e partindo contra os insurgentes, levou consigo os criminosos. Depois tornou a envial-os para Alcobaça e, havendo passado o momento da colera, perdoou-lhes.

Não tiveram tanta fortuna os que se deixaram ficar em Leiria; porque El-Rei ordenou a Lourenço Annes Redondo, a quem deu a alcaidaria do castello em lugar do alcaide traidor (cujo nome não consta), que logo decepasse e matasse a todos os culpados na entrada do Infante.

E em cumprimento foram queimados publicamente, depois de decepadas as mãos e os pés, nove homens dos melhores e principaes da villa.

Assim o conta Ruy de Pina na Chronica do Senhor

D. Diniz. Na Historia de Portugal, composta por uma sociedade de litteratos inglezes, refere-se o facto d'outra maneira.

Não foi só ao estreito recinto do castello que se estendeu a proverbial munificencia do Rei Lavrador.

A abertura dos fertes campos de Leiria, a plantação do vasto e rico pinhal denominado d'El-Rei, a fundação da villa de Monte Real, nos sobreditos campos, á beira do Liz, villa hoje quasi ignorada, mas outr'ora bem conhecida pela assistencia que ali fizeram o mesmo Rei e sua Santa Esposa, que lhe deram o nome, diz a tradição, e o attestam as ruínas da sua pousada, objecto da nunca interrompida veneração dos moradores da terra; a aldeia emfim de amor, no mesmo campo, a cujo respeito tantos bellos romances conta ainda hoje a boa gente d'estes povos: estes factos, digo, são outros tantos monumentos, que, passando de geração, não têm consentido nem consentirão jámais que pereça a memoria de tão assignaladas honras e beneficios.

Finalmente, para concluir o que diz respeito ao Senhor D. Diniz, pela descoberta d'outro escudo, como o de que acima fallei, á excepção sómente da Cruz de Aviz que não tem, sobre a porta exterior do castello, no sitio onde do lado do poente feneça a muralha que cinge a cerca do poço episcopal presumo eu que o Castello primitivo não abrangia mais que o terreno a que hoje particularmente se dá o nome de Castello.

De sua porta, alta, e guarnecida de torres, que, apesar de tudo muito arruinado, ainda se pôde vêr, nasce uma muralha que o vae abraçando na direcção do nascente até entroncar com o lanço ou panno em que está o alcaçar assim como pelo poente e nascendo da mesma porta ia outra, que era do Castello antes do Senhor D. Diniz, e que a outra muralha, com seus cabellos e barbaça, que limita a cerca, do paço episcopal, se não é obra do mesmo Príncipe, o qual, leio, fortaleceu 44 cidades e villas, o é ou do Senhor D. Fernando, o qual, entre outras praças mandou murar Leiria ou do Senhor D. Manuel que também levantou muitas fortalezas. Em Leiria fez seu testamento o Senhor D. Affonso IV, nos paços d'El-Rei (Provas da Historia Geneologica da Casa Real a 13 de fevereiro, era de 1383) anno de C. 1345).

Por morte da Rainha Santa Isabel voltou o castello á corôa em cujo senhorio parece se conservou até ao reinado do Senhor D. Fernando, o qual, segundo a Geographia Historica, fez mercê d'elle á Rainha Dona Leonor Telles, da mão da qual pouco depois dizem passou ao Conde D. Gonçalvo, seu irmão.

O mesmo Rei celebrou côrtes em Leiria no anno de 1376. N'ellas se aceitou a proposta, offerecida por D. Henrique de Castella, do casamento do seu filho natural

D. Fradique com a Infanta D. Brites, filha do monarcha portuguez, casamento que teve o mesmo effeito que outros tratados com o mesmo rei.

(Continua.)

(NOTA B)

Não achei particular menção d'estas côrtes em nenhum dos historiores que consultei, e o que é mais para notar é que nem o mesmo Brandão, que por incidente havia fallado n'ellas no lugar citado, as commemora no que lhes pertencia, que era no reinado do Senhor D. Affonso III.

(NOTA C)

Leiria era villa. Foi o Senhor D. João III quem a elevou á categoria de cidade, e em 1545 lhe impetrou do Santo Pontifice Palo III a de bispado.

V. da Silva Araujo.

ELOGIO HISTORICO

*Do fallecido socio architecto João Pires da Fonte
lido na sessão solemne de 31 de maio de 1874
pelo socio architecto José Antonio Gaspar*

SENHORES:

As bellas artes, nascidas e inspiradas pelo amor, jámais poderiam tocar o grau de perfeição a que chegaram entre os antigos gregos e romanos, se a arte das recompensas e a sua theoria se não houvesse ahí largamente estabelecido e propagado. A historia assim o confirma com os exemplos mais vivos e tocantes.

Ella nos diz ainda que uma vez era proclamado no theatro o nome do homem a quem se queria honrar, outras vezes que se lhe offerecia uma corôa de ouro, ou se lhe suspendia um escudo no templo; outras, que se lhe collocava o retrato no palacio nacional, ou se erigia uma estatua na praça publica, e que a maior parte d'essas honras ou recompensas não só a alcançavam os heroes, e os generaes aguerridos e valorosos, mas que também a obtinham os artistas celebres.

Sabemos que nos tempos antigos os magistrados obrigavam algumas vezes, como testemunho de honra, a gravar ao lado de uma bella figura o nome do artista que a executára; e até mesmo se elevaram estatuas

aos proprios estatuarios, tornando-se muito mais recommendavel esta honrosa distincção quando as estatuas eram collocadas a par das obras mais primorosas d'esses artistas.

Nos tempos modernos acharemos Raphael de Urbino acompanhado em publico de cincoenta discipulos, filhos da primeira nobreza de Roma; — a Rubens, embaixador extraordinario para a paz que ajustou entre Inglaterra e Hespanha; — a Alberto Durer, Grande do Imperio pelo imperador Maximiliano; — e acharemos a outros muitos condecorados e ennobrecidos com os maiores titulos e distincções.

Bastante é para admirar que appareça entre nós um artista distinctissimo pelos elevados conhecimentos na importante arte que exercia sem que tivesse remuneração dos relevantes serviços que prestou, como succedeu ao nosso consocio e meu digno mestre João Pires da Fonte, assiduo no trabalho e perseverante no estudo da arte a que por gosto e sympathia de certo se dedicou.

Se este artista durante a sua existencia não obteve a justa apreciação do seu merecimento, estou certo que se fará á sua memoria a inteira justiça de que era credor; e vós podereis avaliar o merecimento d'este distincto architecto pelo que vou expor ácerca do bom desempenho como sempre se houve no ensino da importante arte de construir.

Todos sabem que não sou litterato, e que pouco afeito estou a manejar a penna, para bem poder elaborar o elogio historico d'este architecto portuguez; porém o desejo de cumprir a deliberação do conselho facultativo d'esta Real Associação, e de pagar ao meu digno mestre este ultimo tributo de gratidão, me decidiu encetar tão honrosa quanto difficil tarefa, esperando da vossa indulgencia e favor me relevareis a deficiencia d'este trabalho, na certeza de que apenas me proponho como fiel e imparcial relator dos factos averiguados da sua carreira artistica, os quaes se acham registados nas repartições publicas.

João Pires da Fonte nasceu na freguezia de Santa Marinha de Gontinhaes, julgado de Caminha, districto de Vianna do Castello, aos 16 do mez de dezembro de 1796. Era filho legitimo de José Pires da Fonte e de D. Maria Rosa Martins da Costa, oriundos de paes lavradores honrados e modestos.

Estando José Pires da Fonte em Lisboa, onde era mestre dos pedreiros do palacio d'Ajuda e mestre d'obras das casas mais abastadas da capital, veio João Pires da Fonte, em tenra idade, de Santa Marinha para companhia de seu pae, que habitava em casa dos srs. marqueses de Niza.

Ahi crescia João Pires ao lado de outro menino o marquez D. Thomaz de quem era predilecto. Porém seu pae, vendo que o filho viria a cair nos habitos e gosos dos poderosos, sem o ser, roubou-o á casa dos senhores de Niza, levando-o para a de Antonio Francisco Rosa, architecto então, e depois inspector das obras do palacio d'Ajuda.

Não estranhou a mudança, e estudou ali com tal aproveitamento junto ao architecto Rosa, que em 12 de maio de 1812, tendo pouco mais de quinze annos de idade, foi despachado praticante da casa do risco das Obras Publicas, e em 2 de setembro do mesmo anno passou a ter vencimento de 300 réis diarios. Continuando assim a aperfeiçoar-se nos mesmos estudos, havendo ali dado provas de talento, por sua assiduidade e exemplar comportamento foi-lhe augmentado o vencimento em 15 de janeiro de 1821 a 500 réis, e em 4 de março de 1824 a 800 réis como praticante de numero.

Tres annos depois já o credito de João Pires da Fonte estava tão bem fundado entre os seus chefes, que em conformidade da portaria do ministerio do reino de 17 de março de 1827 foi nomeado ajudante architecto de 2.^a classe com o vencimento de 1\$000 réis diariamente; e em 20 de abril de 1831 passou a ajudante de 1.^a classe, com o vencimento de 1\$200 réis, por portaria do mesmo ministerio.

Emfim a nomeação de professor da academia das bellas artes de Lisboa, por decreto de 25 de outubro de 1836, e tendo feito parte da commissão que elaborou os estatutos da mesma academia, vem-nos justificar a reputação e bom conceito que este habil architecto adquiriu nos diversos trabalhos de que foi incumbido na repartição das obras publicas.

Para eu simplificar as importantes obras que inspecionou e dirigiu, notarei aqui simplesmente — a commissão da estrada de Queluz; — a inspecção das avenidas da Villa de Manique; — a direcção da ponte de Louza em Santo Estevão das Galés; — e o encanamento do rio de Sacavem onde os seus estudos, perspicacia, actividade e zelo tiveram de lutar por muito tempo com os caprichos das correntes fluviaes e dos fluxos e refluxos maritimos.

Correndo então os dias em que duas grandes parcialidades politicas se ostentaram poderosas entre nós, e havendo João Pires da Fonte abraçado as idéas liberaes, algum tanto teve que soffrer n'essas noites rancorosas das nossas guerras civis, não escapando á onda que envolvia até os mais pacificos.

Depois de 1834 foi este architecto membro d'um grande numero de commissões extraordinarias de obras publicas, que então houve, devendo notar-se entre ellas

Vol. I (2^e série) Pag. 24

Bulletin Archit. et Archéologie

a do Passeio Publico em 1835 e a do theatro nacional da Senhora D. Maria II, as quaes sempre soube desempenhar com reconhecida intelligencia e acerto.

Sendo elle professor da Academia das Bellas Artes terei de citar a estremada assiduidade, dedicação e amor com que sempre regeu durante 37 annos a cadeira de architectura civil; justificando tanto mais o que acabo de dizer os ultimos 7 annos de sua vida, nos quaes já enfermo, raras vezes deixou de comparecer nas aulas, tanto diurnas como nocturnas. Isto sendo já jubilado.

Os seus conselhos eram importantissimos e revelavam um alto saber na arte que ensinava. Um grande numero de seus discipulos que hoje se acham no serviço das Obras Publicas justificam por seus trabalhos as boas lições que d'elle tiveram.

Foram innumer as commissões que ali estiveram a seu cargo, e notarei especialmente o projecto para no extincto convento de S. Francisco adequar os dois importantes estabelecimentos, a Academia das Bellas Artes e a Bibliotheca publica. Ha poucos dias que tive entre mãos este projecto, e analysando-o, certifiquei-me de que era justissimo o respeito e consideração que sempre guardei por meu digno mestre e amigo.

Aos 45 annos e 5 mezes incompletos de idade tinha, pois, João Pires da Fonte encetado a vida publica, vindo a conclui-la com 61 annos de activo e consecutivo serviço; serviço sempre zeloso e intelligente, bastantes vezes relevante e até original.

Poucos funcionarios publicos baixaram á campa com 61 annos de trabalho em pró do seu paiz.

Nas construcções particulares em Lisboa e mesmo fóra da capital, deixou João Pires da Fonte numerosas obras. A solidez, a hygiene, o commodo e o bom gosto eram o fito das edificações ao seu cuidado.

A fabrica de tecidos lisboenses elevada com solidez sobre um terreno de alluvião, o abrimento da parte da estrada da circumvalação fiscal de Lisboa, entre o Senhor Jesus dos Triumphos e a ponte de Alcantara, e muitas outras obras que dirigia acreditam a intelligencia e conhecimentos que este artista empregou n'aquellas edificações. São de seus projectos um grande numero de casas construidas n'esta cidade, sendo as mais recentes a que ultimamente foi edificada na rua do Principe pertencente á casa do antigo Duque de Cadaval, e á casa de S. Bernardo á Estrella.

Esta Associação, tendo sempre na mais alta consideração os serviços e merecimentos do digno socio fundador, por duas vezes o elegeu seu vice-presidente, cargo que o illustre professor soube por tal maneira desempenhar que lhe grangeou mais tarde a eleição da presidencia n'outros dois annos; bem como o ser eleito

quasi sempre presidente d'uma das secções, por cujo motivo fez sempre parte do conselho facultativo, aonde suas opiniões e sabios conselhos raras vezes deixaram de ser seguidos.

Até aqui vimol-o como servidor do Estado na sua carreira publica de 61 annos; resta-nos agora apontal-o como cidadão prestante ao municipio de Lisboa, de cujo senado foi vereador nos annos de 1838 e 1839, sendo eleito no primeiro por 2:809 votos, e no segundo por 3.063, tendo tido em ambas as vereações a seu cargo o pelouro das obras municipaes, cargo este que sempre soube desempenhar com reconhecida intelligencia e saber.

Sempre fiel aos seus principios e idéas liberaes as mais rasgadas, foi capitão da 5.^a companhia do batalhão nacional do arsenal em 1834, e tenente da guarda nacional em 1836.

Lhano, tratavel, bemfazejo, e sobretudo modesto, cerrou para sempre o livro da vida no dia 18 de junho de 1873, pouco depois do meio dia com 76 annos, 6 mezes e 2 dias de existencia, victima da atroz doença de um scirro na região nazal.

Tantos serviços foram simplesmente pagos com o habito de cavalleiro de Christo.

A copia do diploma com que lhe foi conferida esta distincção, assignada pelo famoso Passos Manuel, é o fecho d'estes traços biographicos:

Sua Magestade Fidelissima a Rainha, querendo dar um publico testemunho do apreço que faz d'alguns artistas distinctos, e por este modo honrar e animar as bellas artes, ha por bem nomear Cavalleiro da Ordem de Christo a João Pires da Fonte, professor da aula de architectura civil, etc. etc. etc.

Palacio das Necessidades, 22 de novembro de 1836.

Manuel da Silva Passos.

Saudemos, pois, o retrato d'este artista inaugurando-o hoje n'esta sessão solemne, e na presença de tão respeitavel assembléa, para honrar a memoria do nosso distincto collega e professor; ufanando-nos de ter cumprido com esta merecida homenagem o dever que nos era imposto pelo respeito e gratidão que deviamos a João Pires da Fonte, como architecto habil e como homem brioso, honrado e modesto.

Sala das sessões, 31 de maio de 1874.

DESCOBERTA D'UMA VILLA RUSTICA ROMANA

Da *villa rustica romana*, que descobrimos proximo de Leiria, no mez de outubro do anno passado, no lugar *Martim Gil*, na estrada que conduz á Figueira da Foz, os vestigios que se encontraram de todas as construcções occupavam a superficie de 3:420 metros, estando a edificação orientada do sul para o norte. A parede do lado da encosta tinha de grossura 2^m,30, a fim de sustentar o peso das terras.

Depois de dois dias de trabalho empregado nas excavações no sitio que tínhamos julgado conveniente emprehendel-as, visto os indícios de se terem encontrado ali alguns fragmentos de telhões e adobos, etc., appareceu uma parede na altura de 0^m,38, e na direcção do nascente ao poente; mas na profundidade de 1^m,63, se descobriu um mosaico pertencente a uma casa com as dimensões 3^m,14, por 2^m,83, estando cercada por outras paredes, e uma das quaes do lado do poente tinha a soleira d'uma porta bastante gasta pelo uso, com a largura de 0^m,85, e que dava comunicação para outra casa mais pequena, ficando em plano mais inferior de 0^m,35, sendo composto o *opus musivum* sómente de cubos de argilla cozida.

No lado opposto da primeira casa que fôra descoberta, appareceu uma outra muito maior com paredes nos seus tres lados da grossura de 1^m,20.

N'esta casa o mosaico era de uma composição de melhor gosto, mais variedade nas côres e de perfeita execução; portanto preferimos este para ser transportado para Lisboa e ficar exposto no museu de Archeologia do Carmo. Est. 4.^a

Occupava este mosaico um espaço quadrilongo, e tinha uma cercadura de 0^m,30 em roda da casa, do feitio de grega. No meio havia um florão imitando as flores do *lotus*, e na direcção dos seus diametros oppostos havia figuras de ramileas, ficando occupados os quatro grandes intervallos, que separavam estas figuras, por octogonos com faixas e ornatos no centro, alem de circundar estas figuras geometricas uma linda faixa de 0^m,20 de largura do feitio de torçal com seis côres diferentes.

Na parte que foi preciso reparar d'este pavimento estava, quasi ao meio d'esta casa, uma medalha de bronze mettida na argamassa (letra M), sendo de pequeno modulo, pertencente ao imperador Magnencio, e de uma perfeita conservação, a qual nos veio certificar da epocha d'aquella construcção romana, porque sabe-se que elle

foi proclamado imperador em 350, e se suicidou em 353.

A medalha tem a seguinte legenda do lado da effigie desenhada na mesma estampa:

No anverso: — DN. MAGNENTIVS. P. F. AVG. Busto do imperador com corôa de louro e paludamento, voltado á direita: por detraz a nota monetaria A.

No reverso: — VICTORIAE. DD. NN. AVG. ET. CAES. Duas victorias em pé sustentam lo uma corôa, dentro da qual se lê:

VOI
V
MVL
D.

No exergo as letras F. P. A. F. AE.

Encontrámos no mesmo sitio uma grande quantidade de escória de ferro; isto nos faz suppôr que existiria n'este logar uma forja para se fabricarem os instrumentos ruraes para esta *villa rustica*.

J. da S.

PINTURA EM PERGAMINHO

Os livros devotos, desde o XV seculo, eram pela maior parte ornados de pinturas e arabescos finos e delicadissimos, em que brilhavam as côres mais engraçadas. Ainda hoje se conservam algumas d'estas obras primorosas, com a mesma viveza de colorido, como nos primeiros dias em que foram acabadas; mas esses livros, todos feitos á penna (chamados de pintura de penneado) eram, por isso, mui raros e de excessivo custo. Ainda hoje ornann os museus e os gabinetes dos amadores e dos curiosos.

El-Rei o Senhor D. Fernando II possui umas *Horas* feitas em Lisboa no anno de 1517, escriptas em pergaminho, todas ornadas com as imagens dos santos, e emblemas dos assumptos de que resa o texto, tudo debuxado á penna, e com illuminuras de grande primor da arte, segundo o gosto d'aquelle seculo em que foram executadas (1). Todavia na vinheta de um dos quadros, que é o do nascimento de Christo, se observam no con-

(1) Não sendo inferior ao *Codice Viturino das cantigas de Afonso X, o Sabio*, pelo seu primor, tendo todavia estas *Horas* que ha em Portugal o grande merecimento de serem todas illuminadas pela mão do mesmo artista.

(Nota de J. da S.)

torno mui bem desenhadas, douradas e prateadas com a maior perfeição, as moedas de D. Fernando e D. Isabel (os primeiros que em Castella se intitularam reis catholicos), dos Senhores D. Affonso V, D. João II, D. Manuel e D. João III reis de Portugal; e ao lado direito, no alto, uma moeda de ouro com as quinas reaes sobre a Cruz de Aviz, e a legenda: *Dinis. R. Por.* Parece que se ella fosse de El-Rei o Senhor D. *Diniz*, deveria dizer: *Dionisi*, e não *Dinis*, talvez fosse engano do desenhador, o que custa a crer, attendendo á exactidão de todas as outras, onde nada falta. Pó le muito bem ser que seja moeda que mandasse lavrar o Infante D. Diniz, filho illegitimo de El-Rei o Senhor D. Pedro I de Portugal, quando com tropas castelhanas marchou até a cidade de Bragança, e unindo ali os mal contentes, se fez acclamar Rei de Portugal; que depois deixando o titulo de Rei, se recolheu a Castella, onde morreu. Mas do cunho d'esta moeda não falla nenhum de nossos escriptores de medalhas e moedas.

As referidas *Horas*, feitas em Lisboa no anno de 1517, pertenceram muitos annos a D. Francisco de Mello Manuel da Camara, morgado de Cabrinha, o qual ajuntou a mais selecta e bem ornada livreria.

Abbate de Castro.

APONTAMENTOS ARCHEOLOGICOS

Pelo digno socio correspondente o sr. Dr. Francisco Rodrigues de Gusmão

Restos, que já contemporaneos fostes
De nossos bons e simples maiores,
Gosta meu coração de interrogar-vos,
E gosta de vos crer. De novo a historia
Estudo em vós dos tempos e dos povos.
Quanto esses povos mais famosos foram,
E quanto mais famosos esses tempos,
Tanto mais n'esses restos fico absorto.
Dellile. — Os Jarfins. — Traducção de Bccage.

I

PORTA DE ARAMENHA

Porta de Aramenha se ficou chamando a antiga porta do carro de Castello de Vide, depois que n'elle se collocou um magnifico portico de cantaria lavrada, trazido de Aramenha, da quinta da Azenha Branca.

Sobre este portico acha-se a inscripção seguinte:

«Reinando em Portugal o muito alto e poderoso Senhor D. João V, foi este portado tirado debaixo das antigas ruinas da cidade de Medobriga, fundada em 1906 annos antes de Christo, no sitio chamado Aramenha, transferido e posto n'este logar por Manuel de Azevedo Fortes, governador d'esta praça, no anno de Christo 1710.»

Explica e corrobora esta inscripção o documento, que vamos transcrever do proprio original e que temos presente:

«Manuel de Azevedo Fortes, cavalleiro professo da ordem de Christo, coronel de infantaria do partido da côrte, e governador da praça de Castello de Vide por Sua Magestade que Deus Guarde.

«Certifico que, encarregando-me Sua Magestade, que Deus Guarde, a reedificação d'esta praça, que os inimigos deixaram demolida, e sendo necessario fazer-se uma nova porta na cortina de S. Francisco, por estar de todo incapaz a que chamavam do carro, me vali de um portado de cantaria grossa, e fortissimo, que ficou inteiro entre as ruinas da antiga cidade de Medobriga, aonde chamam Aramenha, uma legua d'esta villa, e estava servindo de portico e entrada a uma quinta que n'aquelle sitio tem Luiz Freire da Fonseca Coutinho, o qual sabendo o meu intento, e que desejava servir-me do dito portado para a fortificação d'esta praça, querendo-lh'o comprar, o offereceu gratuitamente para o serviço de Sua Magestade, sacrificando a este fim o gosto que tinha em conservar na sua quinta aquella antiguidade e memoria, pois foi fundada a dita cidade, segundo os historiadores, mil novecentos e seis annos antes da vinda de Christo. E com effeito mandei conduzir o dito portado para esta praça, para se collocar na nova porta de Aramenha, e com elle se poupou á fazenda real, só no arranco e lavor das pedras, se houvessem de mandal o fazer, mais de duzentos mil réis. Passa o referido na verdade pelo juramento dos Santos Evangelhos, de que mandei passar o presente por mim assignado.

«Castello de Vide, 13 de novembro de 1710. — *Manuel de Azevedo Fortes.*» (Tem o sello das armas, de que usava) (1).

Manuel de Azevedo Fortes, para o dizermos de passagem, falleceu a 28 de março de 1749, sendo engenheiro-mór do reino, depois de haver enriquecido a sciencia da sua profissão de obras preciosas para o seu tempo, e reputadas ainda hoje classicas (2).

(1) Fez a mercê de me communicar este documento, que conserva no archivo de sua casa, o sr. Alvaro da Fonseca Coutinho, bisneto do doador de que n'elle se trata.

(2) Vid: *Diccionario Bibliographico Portuguez*, pelo sr. I. Francisco da Silva.

II

MEDOBRIGA

O desembargador Duarte Nunes Leão, tratando, na *Descrição do Reino de Portugal*, cap. IV, das cidades da Lusitania, que pelos tempos se desfizeram, diz o seguinte:

«Destruída jaz a cidade de Merobriga (1), cujas ruínas chamam agora Aramenha (2), por estarem debaixo da Serra da Estrella, que antigamente se chamava Monte Herminio. Da qual cidade se vêem vestígios de templo grande (3), e povoação nobre, a cujos povos os geographos chamavam *plumbarios* (4), por o estanho ou chumbo que ali tirava, porque a uma cousa e outra chamam os latinos *plumbum*.»

D. Fr. Amador Arraes, mencionando, no *Dialogo* 4.º, cap. X, os logares estipendiarios da Lusitania, diz a pag. 258:

«Ruínada de todo jaz Mirobriga (5) ou Medobriga (6), ora chamada Aramenha, sita nas raízes dos montes Herminios sobre o rio Sever, digno de ser conhecido por sua frescura, e pela pescaria de muitas trutas que n'elle se criam (7).

«Em meu tempo se acharam nas suas ruínas muitas columnas e sepulturas de marmores preciosos, com elegantes letras e moedas de ouro de bellissimas medalhas; duas especialmente recrearam minha vista, pondo os olhos n'ellas; uma que se bateu e correu no tempo de Vespasiano censor, de Tito imperador, e Tiprociano pontífice; e outra em tempo de Trajano, como se mostra nas suas inscripções.

(1) *Medobriga* é, propriamente, *Santiago de Cacem*, como se vê na obra de André de Rezende — *De Antiquitatibus Lusitanice*, Lib. IV, pag. 246 edição de Coimbra; e em Jeronymo Soares Barbosa — *Epitome Lusitanae Historiae*, cap. 1.

(2) Veja-se *Aramenha* no *Vocabulario Portuguez e Latino* de Bluteau.

(3) Ainda existem alguns d'estes vestígios, actualmente, em uma propriedade do sr. Alvaro da Fonseca Coutinho.

(4) Ignoramos quaes são os geographos a que Duarte Nunes se refere; o que podemos verificar é que se falla dos *Medubricenses*, qui *plumbarii* cognominantur, na obra intitulada *C. Iulii secundi Historiae Mundi Libri xxxvii*, no tom. IV, lib. IV, cap. xxii, pag. 172, publicado Lugduni 1561. E a Plinio se refere, singularmente, Arraes, sob este respeito, como se verá abaixo.

(5) *Medobriga* é, propriamente, *Ciudad Rodrigo*.

(6) *Medobriga* é palavra celtica, segundo Soares Barbosa, que segue Nunes de Leão.

(7) Este rio nasce na serra de S. Mamede, termo de Marvão, na freguezia de S. Salvador de Aramenha.

«Vêem-se tambem em todo o valle e varzea de Aramenha muitas torres e pontes sobre o rio Sever, lastros e solhos de casas nobres bem ladrilhados e lageados, e um cano de agua doce de uma fonte que corria pela cidade, muros derribados, e outros indícios manifestos da antiga frequencia de gente que n'ella havia.

«Tambem se acham pelos lados do monte, em muitos logares, abertas minas de ouro, prata e chumbo (1), por onde parece a rasão que teve Plinio para dar cognome de *chumbeiros* aos medobrigenses» (2).

Em nossos dias se encontraram ainda columnas de diferentes grandezas, capiteis, amphoras, cantarias de varios lavores, e alguns objectos de ouro, que possuímos.

De algumas medalhas que podemos examinar, daremos particular noticia.

(*Continua.*)

NUMISMATICA PORTUGUEZA

Em uma *Noticia* que o fallecido director do gabinete numismatico da universidade de Leyde, o dr. P. O. Van der Chijs, publicou em 1862, acerca d'aquelle riquissimo medalheiro (3), dizia este distincto professor que «poucos gabinetes ou collecções na Europa possuíam tantas medalhas e moedas portuguezas como o que fôra confiado á sua direcção».

Ahi declarou ser o mesmo gabinete devedor da sua collecção portugueza, na maxima parte, não só ao consul geral que foi dos Paizes Baixos em Lisboa, Gaspar João Pilaer, com quem mantivemos relações de amizade, senão tambem ao fallecido numismatico portuguez Manuel Bernardo Lopes Fernandes.

Na succinta resenha que o dr. Van der Chijs fez das moedas que alli se guardam, figura um portuguez de oiro de D. Manuel, modernamente achado em uma ex-

(1) Uma d'estas galerias ainda, ao presente, se acha no mesmo estado em que a descreveu Antonio Patricio no seu *Diccionario Geographico*, palavra *A amenha*, i. é, constitue uma caverna profunda si'a no infimo da serra da Portagem para a parte do occidente, que terá 33 metros de altura, e faz para a parte do norte outra caverna tão comprida, que se não sabe o comprimento que tem, pela escuridade.

(2) Não devem confundir-se com os *Pesures*, como adverte João Baptista de Castro no seu *Mappa de Portugal*, tom. I, pag. 231, segunda edição.

(3) *Revue de la Numismatique Belge*, tom. IV., 3.ª serie. D'esta *Noticia* se tiraram alguns exemplares em separado, dos quaes recebemos um por mercê do auctor.

cavação na cidade de Alkmar; uma moeda de oiro (a que chama ducado) do cardeal rei D. Henrique; um cruzado do prior do Crato D. Antonio; outro do príncipe regente D. Pedro, com a data de 1682, etc.

Tratando das moedas cunhadas no Brazil allude aos dobrões offerecidos ao gabinete pelo consul geral Pilaer, e aponta a existencia de uma barrinha de oiro, datada de 1814, com as armas de Portugal e do Brazil.

Acerca d'esta barrinha escrevia-nos, em 17 de novembro de 1860, o nosso saudoso amigo M. B. Lopes Fernandes, acima nomeado, o seguinte:

«De Leyde me mandam pedir as informações que passo a indicar:

... Ce qui signifie une petite barre d'or, qui porte de la partie sinistre, applatie, d'un côté les armes du Portugal et de l'autre celles du Brésil.

Sous les armes du Portugal se trouve le mot Sabara. Ensuite il y a sur la barre encore plusieurs poinçons:

1.º Le millésime 1814 et J. P. P.

2.º Le N.º 1926, et un 7 et 12.

3.º Toque 22, et trois poinçons ressemblant à des soleils.

Est-ce que c'est une monnaie de nécessité?

Diga-me o meu amigo o que julga d'esta barrinha de oiro.»

Respondemos o que mais de prompto nos occorreu, dando as informações que estavam ao nosso alcance e que, por falta de averiguações subseqüentes, não saberemos dizer se serão as mais exactas. Submettemo-las pois ao juizo dos mais competentes n'esta especialidade, a que, para credito do nosso paiz, se vão dedicando alguns estudiosos.

Eis a nossa resposta:

«Ainda não vi nenhuma das taes barrinhas, a ajuizar, porém, pelas indicações que se apresentam, direi que seriam mandadas fabricar em Villa Real do Sabará, comarca do Rio das Velhas, em Minas Geraes, para acudir ás necessidades do commercio.

«Nas capitánias do interior do Brazil circulava o oiro em pó como moeda; mas pelo alvará de 1 de setembro de 1808 foi o seu curso expressamente prohibido, pelas adulterações e abusos a que dera lugar, e se determinou que houvesse de ser reduzido a barra.

«Se as armas de Portugal estão separadas das do Brazil é porque este estado não tinha ainda a cathogoria de reino, o que se deixa ver pela declaração do anno 1814. A essa cathogoria foi elevado por carta de lei de 16 de dezembro de 1815.

«As armas de Portugal, Brazil e Algarves, para symbolo da união d'estes tres reinos, foram encorporadas

em um só escudo pela carta de lei de 13 de maio de 1816, como é sabido.

«As iniciaes J. P. P. querem certamente dizer — Joannes Princeps Portugaliæ, ou Regens — se a letra final, em lugar de um P, como se escreveu, fôr um R, o que é mais provavel, porquanto desde 1802 já no reino se cunhava a moeda com essa legenda.

«É de crer que o numero marcado seria o correspondente á barrinha de que se trata, e que fôra fabricada no dia 7 de dezembro: 7 — 12.

«Vê-se que não se omittiu a designação do toque (22 quilates) e que eram marcadas com estrellas, ou cousa semelhante, como ainda o são hoje as que se fabricam em Moçambique.»

Por obsequiosa deferencia do nosso amigo, sr. Augusto Carlos Teixeira de Aragão, distincto numismatico, tivemos agora presente os desenhos de duas barrinhas com as datas de 1813 e 1816, em que os algarismos que suppunhamos deverem indicar o dia e o mez do fabrico, pelo simples enunciado que se offerecia, evidentemente querem designar o peso de cada uma, sendo a maior e mais antiga, n.º 1254, de 2-1-00 (duas onças e uma oitava), e a menor, n.º 704, de 5-64 (cinco oitavas e sessenta e quatro grãos). Aquella fabricada, como a de Leyde, em Villa Real do Sabará, e esta, sem indicação de lugar, provavelmente em outra casa de fundição.

Para que se saiba até que ponto era incansavel no seu zelo e dedicação, em assumptos de numismatica, o illustre professor Van der Chijs, socio correspondente da academia real das sciencias de Lisboa, e auctor de uma apreciada obra, em nove volumes, sobre as moedas dos Paizes Baixos septentrionaes, aproveitaremos o ensejo, que ora se nos depara, para deixarmos registados n'este lugar alguns paragraphos de duas cartas, com que o mesmo professor nos quiz honrar, datadas de 27 de maio e 6 de outubro de 1864.

Na primeira dizia-nos:

«J'apprends avec un vif plaisir, par une lettre de notre digne ami Mr. M. B. Lopes Fernandes, que mon portrait, et ma Notice sur le Cabinet Numismatique de l'Université de Leyde, vous ont été agréables, et que vous voudrez avoir la bonté de procurer à notre cabinet quelques monnaies du Brésil, du temps que ce pays dépendait encore de la mère-patrie.

«Vous me feriez spécialement beaucoup de plaisir si vous pourriez faire trouver encore au Brésil des exemplaires des trois différentes monnaies de nécessité en or, de 1646, que notre Compagnie des Indes Occidentales a fait frapper pour l'usage du Brésil. Je les payerais volontiers, mais je crains que l'on n'en trouvera plus,

Peut-être la meilleure voie pour les obtenir, s'il y en a encore, serait de les demander dans le journal le plus répandu au Brésil.»

E na segunda:

«C'est avec le plus grand plaisir que j'ai reçu ces jours-ci, par l'entremise bienveillante de Mr. le consul général Hulsenbos, votre agréable du 6 septembre passé, accompagnant un paquet de monnaies coloniales portugaises, que, à ma prière, vous avez bien voulu céder au cabinet universitaire confié à mes soins.

«Grâce à votre obligeance le nombre de nos monnaies portugaises coloniales s'est accru d'une quantité considérable de pièces, en général très bien conservées. Recevez mes remerciements bien sincères pour votre don, si éminemment agréable; et lorsque l'occasion se présentera dans la suite, que vous pourriez nous aider encore de vous doubles, je recommande le cabinet à vos bontés.

«Je crois que, par le zèle infatigable du vénérable vieillard Mr. M. B. Lopes Fernandes, je suis au grand complet des portraits des Numismates Portugais. Le nombre total dans l'Album, y compris les portraits de graveurs de médailles et monnaies, monte déjà à 180, de différents pays. J'ai commencé aussi à réunir, dans un grand portefeuille, les portraits en cuivre ou lithographie des anciens numismates, ou auteurs de livres numismatiques; veuillez bien avoir l'obligeance de m'indiquer s'il en existe de Portugais.

«Si par hasard vous pourriez nous envoyer aussi un exemplaire de vos articles sur les monnaies du Portugal et du Brésil frappées sous le roi Jean V (1), vous nous obligeriez beaucoup.»

Encerraremos este artigo com a transcrição do que escreve o laborioso auctor da «Historia das luctas com os holandeses no Brazil», em relação ás moedas obsidionaes de 1646, que Mr. Van der Chijs nos pedia, e que não nos foi possível alcançar.

Diz, pois, o nosso prezado e antigo amigo sr. Francisco Adolpho de Varnhagen, hoje Barão de Porto Seguro, na 1.^a edição d'aquella sua estimada obra, pouco vulgar em Lisboa, a pag. 219, o seguinte:

«Foi no meio d'esta penuria (a dos holandeses no Recife e fortaleza Mauricia) que se cunharam durante o sitio, em 1646, as primeiras moedas obsidionaes de oiro, do valor de tres, seis e doze florins, das quaes chegaram a nossos dias alguns exemplares, que se guardam nos gabinetes numismaticos, e constituem os mo-

numentos mais antigos de cunho metallico fundido no Brazil. Depois, em 1654, se cunharam ainda de novo algumas moedas de prata de doze soldos, de superficie um pouco maior que as de oiro de doze florins, de 1646. Estas de prata eram quasi quadradas, e as primeiras antes rhomboides. Os disticos, segundo o costume em linha diametral, acham-se inscriptos em circulos. Nas de oiro lê-se de um lado, em tres linhas separadas: Anno — Brasil. — 1646, isto é: Brasiliae, Anno 1646; e do outro a letra W, tendo a primeira perna cortada por um G, e a ultima por um C, querendo significar: Geotroyeerde Westindische Companhie, isto é: «Companhia privilegiada das Indias occidentaes.» Em cima da mencionada letra se designa, em numeros romanos, o dos florins que representa a moeda, III, VI ou XII. Nas moedas de prata o numero XII se vê igualmente sobre o W, cortado com as outras duas letras, e por baixo se lê do mesmo lado a designação do anno — 1654.»

No principio do seu livro deu o sr. Barão de Porto Seguro uma estampa das moedas que ficam descriptas, as quaes difficilmente se acharão nas collecções numismaticas do nosso paiz.

J. C. de Figanière.

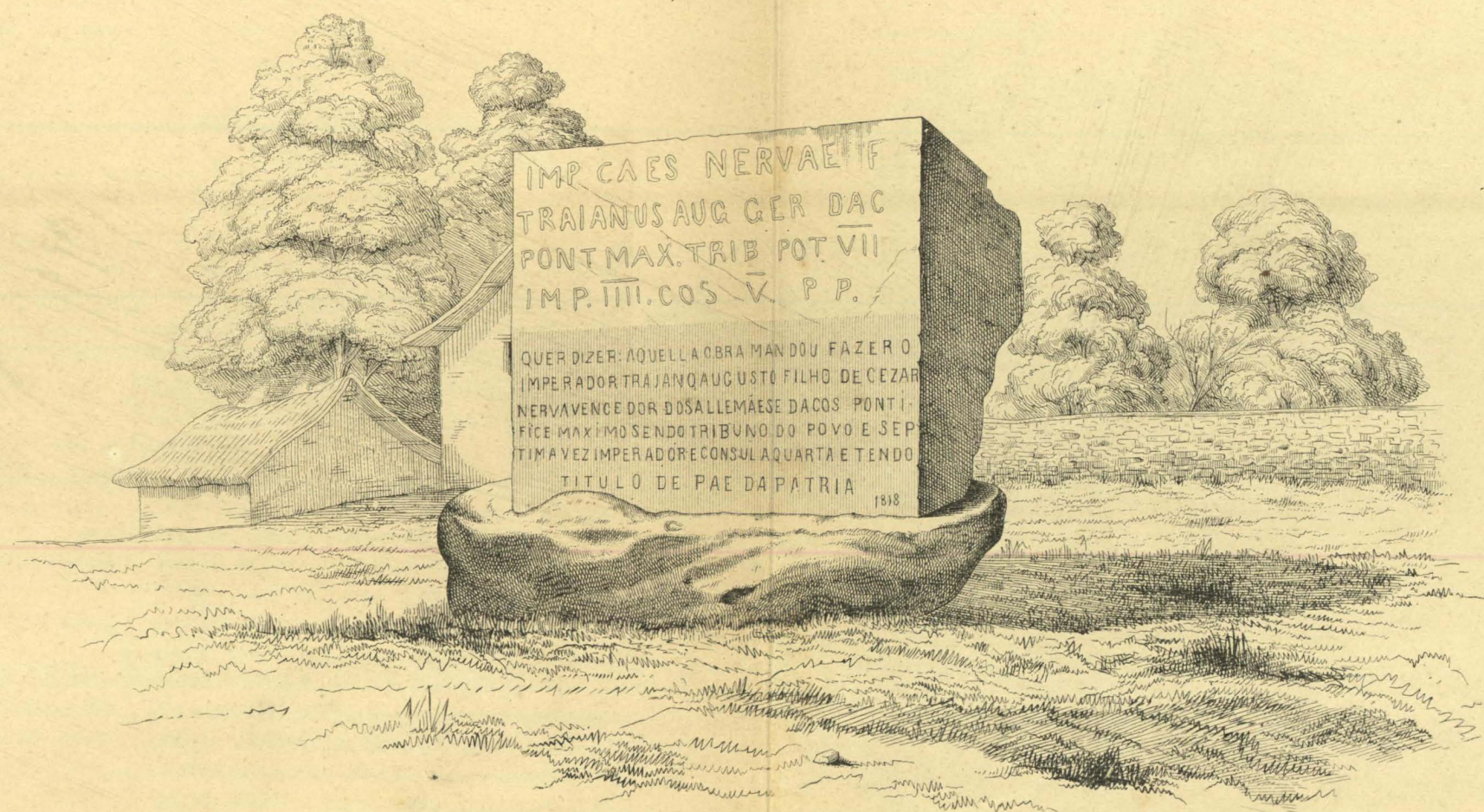
DESCRIPÇÃO DA ARA DE TRAJANO

EXISTENTE EM SANTO ANTONIO DAS TAIPAS, FREGUEZIA
DE S. THOMÉ DE CALDELLAS, CONCELHO DE GUIMARÃES,
PELO DIGNO SOCIO CORRESPONDENTE O SR.
CEZARIO AUGUSTO PINTO

A ara de Trajano é talhada n'um penedo de granito porphyroide, monolitho ovoidal, a que os francezes dão o apropriado nome de *rognon*, e que tanto abundam na provincia do Minho; é cortada de pico grosso, á esquadria, sobre tres lados verticaes, sul, este e norte, assim como no plano superior paralelo ao horisonte; o lado oeste tem apenas principiado na parte de cima, e em todo o seu comprimento, e n'uma altura proximalmente de 0^m,25, o principio do rebaixe que tencionavam fazer-lhe, para que os quatro lados ficassem regulares, o que só em parte se poderia ter conseguido, porque por esse lado — que é o posterior — o penedo foge bastante ao prumo no sô-pê, principalmente no cunhal do lado do norte.

Na base dos tres lados lavrados corre uma sapata de irregular largura, que tem, termo medio, 1 metro de alto e que parece ter ali ficado de proposito para contraba-

(1) Moedas correntes no reino, que se cunharam em Portugal e no Brazil no reinado do Senhor D. João V. Panorama n.º 28 e 29 de 14 e 21 de julho de 1855.



ARA TRAJANA - VULGO PENEDO ROMANO

Em S.^{to} Antonio das Taipas Concelho de Guimarães

lançar o peso da corcova que o penedo apresenta no lado posterior, e a grande facha que tem na sua base.

A altura da parte apparelhada é de 3^m,18, o seu comprimento de 3^m,38, e a sua espessura na aresta superior de 1^m,54.

No paramento principal — que é o longitudinal, lado este —, acha-se a seguinte inscrição aberta mui toscamente, e disposta de modo indicado no desenho: Est. 3.^a (*Cópia do original superiormente desenhado pelo dito socio correspondente.*)

IMP CAES NERVAE F
TRAIANUS AUG GER DAC
PONT MAX TRIB POT VII
IMP IIII COS V PP

D'esta inscrição, que a Camara Municipal de Guimarães, em 1818, mandou pintar de preto e dourar, ainda se conhecem vestígios; occupa meia altura da ara, e a outra metade, assim como a do lado sul, pintaram-a a oleo, — *côr de roxo terra* —, e n'ella gravaram a seguinte traducção:

QUER DIZER AQUELLA OBRA MANDOU FAZER O
IMPERADOR TRAIANO AVUGUSTO FILHO DE CEZAR
NERVA VENCEDOR DOS ALLEMAES E DACOS PONTI
FICE MAXIMO SENDO TRIBUNO DO POVO A SEP
TIMA VEZ IMPERADOR E CONSULA QUARTA ETENDO
TITULO DE PAE DA PATRIA.

1818.

Conscios do relevante serviço que fizeram á archeologia, e não consentindo tão benemeritos cidadãos que seus nomes ficassem sepultados no esquecimento, mandaram os illustres membros do senado esculpir e dourar, na parte inferior do paramento do lado do sul, este notavel panegyrico:

« Para allivio da humanidade e remedio de rebeldes doenças herpeticas, foram renovados e augmentados estes banhos thermaes por ordem do Senado da Camara da villa de Guimarães, sendo seu presidente o Dr. Juiz de Fóra Estevão Pereira da Cruz e vereadores Francisco Cardozo de Menezes Ataíde, e Antonio do Couto Ribeiro, secretario José Leite Duarte, procurador Manuel Luiz de Sousa, em testemunho do zelo e actividade, e para emulação dos vindouros, elles mesmos mandaram gravar esta inscrição que desafia e venera o tempo e a antiguidade em 1818. »

Esta ara esteve por dilatados annos escondida, em

parte, no meio de um denso silvado na extremidade de uma bouça de matto; a Camara Municipal de 1844 expropriou parte d'essa bouça que vedou e aformoseou, plantando-lhe arvores que para esse fim mandou vir do Gerez. Este local é visitado por todos os banhistas, e por muitas pessoas que de passagem para Braga ou Guimarães ali se demoram expressamente.

IMPORTANTÍSSIMA DESCOBERTA DO TEMPLO DE DIANA EM EPHESO

I

Esta *setima maravilha* do mundo foi descoberta recentemente pelo nosso distincto confrade o sr. Wood, tendo conseguido depois de excessivas investigações encontrar o local positivo d'este templo, não obstante estar soterrado a 22 pés, e terem até então sido infructíferas as repetidas tentativas feitas desde 1824 por outros archeologos.

Apenas havia meros indícios do sitio em que este famoso templo de *Artemisa* teria sido edificado, colhidos nas obras dos escriptores antigos, não sendo todavia sufficientes para guiarem com acerto estas difficéis investigações; nem tão pouco davam animo para se arriscar capitães e perder-se o tempo n'essas laboriosas tarefas: porém a illustrada nação Inglesa nunca se nega a dar os precisos auxilios para tudo que seja util para o progresso das sciencias, por mais incertos e despendiosos que sejam os indícios e se alcancem essas descobertas; porquanto, quaesquer vestígios que se possam obter serão outras valiosas conquistas adquiridas para os estudos da archeologia.

Plinio referindo-se a este monumento exprime-se por este modo: — Um monumento da magnificencia grega e digno d'uma merecida admiração, é sem duvida o *Templo de Diana em Epheso*, erguido em 220 annos por toda a Asia —.

O templo tinha 425 pés de comprido por 220 de largo, e 127 columnas com a altura de 60 pés o ornavam, tendo sido estas offertadas por igual numero de reis para tão sumptuosa construcção. D'estas columnas, 36 da ordem jonica tinham esculpturas com 13 pollegadas de relevo (*Cœlatæ Columnæ*). Um tambor d'estas columnas com onze toneladas de peso já está no Museu Britânico. Os architectos Cheroipleron e seu filho Metageno foram encarregados da sua construcção.

Já tivemos occasião de apresentar na sessão em que

fizemos a communição de tão interessante descoberta, uma planta d'este templo, restaurado conforme as indicações do nosso distincto confrade o sr. Wood.

Pelo diametro de 6 pés d'um fragmento d'estas columnas, dá uma idéa das proporções grandiosas d'este templo, que se avantajava pela sua extraordinaria grandeza a todos os templos gregos.

Tambem descobriu o sr. Wood um fragmento d'um friso representando o *Combate das Amazonas*, porém pela sua execução não pertence á melhor epocha das esculpturas gregas.

Este magnifico monumento foi destruido por um tremor de terra, e depois saqueado pelos godos no III seculo da era vulgar.

Quando um architecto tem a fortuna de descobrir antiguidades d'esta ordem, todos os artistas o devem felicitar, e as Associações dos Architectos e dos Archeologos darem-lhe testemunho publico de consideração e de reconhecimento pelo relevante serviço prestado á Arte e á Sciencia; foi por este justo motivo, e logo que lhe constou esta importante descoberta, que a Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos portuguezes elegeu para socio correspondente ao sr. Wood, na ultima sessão da assembléa geral do anno findo.

J. da S.

PROFANAÇÃO E VANDALISMO

O sr. Eduardo Coelho publicou no jornal de que é o principal redactor um excellente artigo, como são todos inspirados pela sua esclarecida intelligencia e sincero patriotismo, fazendo um energico protesto, tendo por epigraphe — *Profanação e Vandalismo* —, o qual vamos reproduzir, porque infelizmente essa tão censuravel profanação ainda não pôde ser reparada pela auctoridade como se devia, e o tinham promettido perante a Camara dos Dignos Pares na ultima sessão da legislatura de 1869! Exprime-se com estas sensatas phrases, que, com a devida venia, transcrevemos:

«As nações illustradas dedicam o maior cuidado á conservação dos monumentos que recordam factos memoraveis da sua historia, e lhes são outras tantas glorias, que o espirito destruidor da gente menos instruida malbarata, e busca derribar. Em Portugal, infelizmente, os poderes publicos nem sempre olham para estas reliquias do passado com o interesse que ellas merecem. Visitando o edificio historico de Alcobaça soube

um dos nossos insignes architectos que havia sido vendida a capella monumental em que se acham os restos mortaes de D. Pedro I, o *Cru*, e de D. Ignez de Castro, observando que o comprador mandára fazer um celleiro na área que fica sobre a abobada d'aquella capella. O nosso artista communicou o vandalismo á Camara dos Dignos Pares, e o assumpto foi objecto d'uma interpellação do sr. Marquez de Vallada no ultimo dia de sessão parlamentar, promettendo o sr. Ministro das Obras Publicas tratar de pôr cobro a esta verdadeira profanação. Oxalá que s. ex.^a, cercados como são sempre os ministros da corôa de diversissimos encargos, se não esqueça de desaffrontar, e mandar pôr no devido recato um dos mais queridos monumentos da tradição popular e historica, fazendo que se guardem os tumulos que contêm os restos venerandos dos protagonistas da mais funesta tragedia de amor que assombrêa as paginas da historia da patria.

.....
«Escudemos contra os embates da brutal destruição um dos nossos mais dilectos monumentos.» etc.

Solicitâmos, pois, com o maximo empenho do actual sr. Ministro, que se restitua ao seu primitivo estado essa veneranda capella sepulchral, e que desapareçam os vergonhosos vestigios d'esse vandalismo, a fim de se evitarem as censuras das pessoas illustradas, e fazer olvidar o pouco apreço com que tem sido acatados os padrões das gloriosas recordações da nossa historia.

CHRONICA

O INSIGNE ARCHITECTO DA GRANDE OPERA DE PARIS, Mr. Charles Garnier, nosso digno socio correspondente, foi eleito por 25 votos membro do Instituto de França, na classe de Bellas Artes, tendo havido oito concorrentes á cadeira vaga pelo fallecimento do nosso chorado collega Victor Baltard: o numero dos votantes era de 36. Foi uma merecida honra que tão distincto confrade e habil architecto recebeu d'aquella illustrada corporação.

UM SELLO D'EL-REI O SENHOR D. AFFONSO IV (1235) está depositado no museu do Carmo pela sua raridade, pois d'este soberano não havia nenhum em Portugal no archivo da Torre do Tombo; este que foi tirado do sello existente no archivo nacional de Paris, foi authenticado pelo respectivo Guarda-mór.

UMA IMPORTANTE DESCOBERTA ARCHEOLOGICA fez-se ultimamente, em Alcacer do Sal: querendo-se estabele-

cer uma eira com o diametro de 20 metros, encontrouse na profundidade de 0^m,82, um grande numero de urnas cinerarias de diferentes dimensões e qualidades, entre ellas ha duas em estylo etrusco; a maior, que mede 0^m,33, tinha já uma aza quebrada. As suas pinturas representam os sacrificios usados nas ceremonias gentilicas. A outra urna, muito mais pequena, e da mesma procedencia, está intacta; posto não pertença á melhor epocha ceramica da Etruria, todavia é bastante interessante por se ter encontrado no solo portuguez.

Alem destes objectos encontraram-se muitas armas de bronze e ferro, lampadas mortuarias, moedas com a legenda de *Claudius*; porém o objecto mais importante foi uma mascara modelada em barro coberto de fino estuque colorido, em muito bom estado de conservação, symbolisando o *silencio do sepulchro*, como era costume depositar algumas vezes nas sepulturas das classes mais abastadas, junto das cinzas das pessoas a quem mais haviam prezado no mundo.

O NOSSO DIGNO CONSOCIO O SR. SEBASTIÃO PHILIPPE M. ESTACIO DA VEIGA depositou no museu do Carmo um curioso fragmento romano de cornija corinthia, que foi descoberto em Cuba, proximo da cidade de Beja.

O CONSELHO FACULTATIVO DA NOSSA ASSOCIAÇÃO reúne-se este anno na 1.^a e 3.^a quinta feira de cada mez, ás horas do costume, para as suas sessões.

RELAÇÃO DOS SOCIOS

Additamento á Lista dos Socios que foi publicada no n.º 7 do *Archivo de Architectura Civil*, jornal da *Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, pela ordem das suas admissões.

SOCIOS EFFECTIVOS

Ex.^{mas} Srs. Visconde de Benagazil — Dr. Francisco Antonio Pereira da Costa — Henrique Folque Possolo — Marquez de Sá da Bandeira — Conselheiro Joaquim Simões Margiochi — Barão de Japurá — Torcato Elias Gomes da Costa — Conde de Rio Maior — Eduardo Coelho — Conselheiro Jorge Cesar Figanière — Dr. João Chrysostomo Melicio — Conselheiro Carlos Ribeiro — Sebastião Philippe Martins Estacio da Veiga — Joaquim Garcia Toledo — Visconde de Alemquer — Antonio Francisco Ferreira — Visconde Mason de S. Domingos — José Antonio Gaspar — Augusto Carlos Teixeira de Aragão — José Loureiro da Silva — Visconde de S. Januario — Conde da Carnota — João Guilherme Henriques — Visconde de Monserrate.

SOCIOS HONORARIOS

Licínio Neomezio Gomes da Silva — Raphael Zacharias da Costa — Henrique Nunes.

SOCIOS CORRESPONDENTES NACIONAES

Ex.^{mas} Srs. Sebastião Podros Gamito, Setubal — Dr. João Ayres de Campos, Coimbra — Augusto Cesario Pinto, Vianna do Castello — João Antonio Freitas Fortuna, Porto — Dr. Joaquim Pereira Caldas, Braga — Joaquim José Judice dos Santos, Silves — Caetano Xavier Almeida Camara Manuel, Evora — Dr. Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão, Portalegre — Dr. Francisco Maria de Lima Nunes, Figueira — Commendador Joaquim Silverio Raposo, Alcobaga — Conselheiro José Eduardo d'Almeida Vilhena, Aveiro — Pedro Cervantes de Carvalho Figueiras, Peniche — Joaquim da Conceição Gomes, Mafra — Dr. Augusto Mendes Simões de Castro, Coimbra — João Augusto Ornellas, Funchal — Dr. Joaquim Alves Matheus, Braga — Alvaro Cesar Navarro, Braga — Manuel Joaquim Gomes Braga, em Braga — Padre Antonio José Ferreira Caldas, Guimarães — José Francisco da Silva Mello, Tavira — Padre Antonio Ferreira Louro, Juncal — Dr. Joaquim da Silva Pereira, Santarem — Gabriel Antonio Franco de Castro, Vianna do Castello.

SOCIOS CORRESPONDENTES ESTRANGEIROS

Mrs. Richard Upyln, New-York — Chevalier Ernest Ziller, Athenas — A. J. Bloor, Philadelphia — G. C. Ferdinand De Lesseps, Egypto — Fritch, Berlim — Conseiller Grand De Reulandt, Antuerpia — Chevalier Roger, Argel — D. Mariette, Cairo — Chevalier Charles Lucas, Paris — Chevalier Duc, Membro do Instituto, Paris — Chevalier Charles Delay, Paris — Chevalier Henri Revoil, Nimes — Chevalier Charles Garnier, Paris — Dr. J. Garrou, Montpiliér — Chevalier A. De Marsy, Compiègne — Chevalier Cazalis De Fondouce, Montpiliér — Conde Senador Gozzadini, Bolonha — Chevalier J. Capellini, Bolonha — Chevalier E. Cartillac, Toulouse — Chevalier J. Limen, Leide — Chambelan De Langerberg, Suecia — Chevalier A. Cassinier, Lille — Chevalier Hams Hildebrand, Stockolmo — Marquis De Congny, Bretanha — Chevalier Loén de Bosny, Paris.

PUBLICAÇÕES OFFERECIDAS Á REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES, DEPOIS DA ULTIMA NOTICIA PUBLICADA NO SEU JORNAL ARCHIVO D'ARCHITECTURA.

PUBLICAÇÕES NACIONAES

Revista das Obras Publicas, pela Associação dos Engenheiros Civis, in 8.º

Fac-Similes das Assignaturas das Pessoas Reaes do Reino de Portugal, pelo Abbade A. D. de Castro e Sousa.
Relíquias de Architectura Romano-Byzantina em Por-

tugal, por Augusto Philippe Simões, in folio.

Molluscos Fosseis, por Dr. Pereira da Costa, 1.º e 2.º caderno, in 4.º

Descrição de alguns Silex e Quartzites Lascades, encontrados nas bacias do Tejo e Sado, por Carlos Ribeiro, in 4.º

Descrição de alguns Dolmens ou Antas de Portugal, por Pereira da Costa, in 4.º

Da Existencia do Homem em epochas remotas no Valle do Tejo, por P. A. Pereira da Costa, in 4.º

Noticia acerca das Grutas da Cesareda, por J. F. N. Delgado, in 4.º

Vegetaes Fosseis, por Dr. Bernardino Antonio Gomes, in 4.º

Memoria sobre o Abastecimento de Lisboa com as aguas de Narcuste e aguas do Rio, por Carlos Ribeiro.

Les Signes qu'on voit gravés sur les anciens monuments de Portugal, por J. P. N. da Silva, in 4.º, 544 figs.

Descrição Minuciosa do Monumento de Mafra, e com uma noticia de Cintra, por Joaquim da Conceição Gomes, in 8.º

Resumo Historico sobre o Quadro pintado a oleo, que se conserva na Santa Casa da Misericordia de Lisboa, pelo Abbade A. D. de Castro e Sousa, in 8.º

Relatorio sobre o Cemiterio Romano descoberto proximo da cidade de Tavira, por A. C. Teixeira de Aragão.

Catalogo dos Ponções, Matrizes e Cunhos de Moeda, existentes na Casa da Moeda, por ordem do director D. José de Saldanha Oliveira e Sousa, in gr. 8.º

PUBLICAÇÕES ESTRANGEIRAS

Souvenirs du Congrès International d'Anthropologie et d'Antéologie Pré-historiques de Boulogne, por J. P. N. da Silva, in 4.º trois planches.

Mafra et Cintra, description détaillée de leurs monuments, por Joaquim C. Gomes, in 8.º

Description des Monnaies, Médailles et autres objets d'Art, concernant l'Histoire Portugaise du Travail, por A. C. Teixeira de Aragão, in 8.º

Descrição Historica das Moedas Romanas existentes no Gabinete Numismatico de Sua Magestade El-Rei o Senhor D. Luiz I., por A. C. Teixeira de Aragão, in 8.º

L'Assainissement de la Ville de Lisbonne, par l'architecte J. da Silva, dans l'Association Française du Congrès de Bordeaux, 1872, in 8.º

Notice historique et artistique des principaux édifices religieux du Portugal, par J. P. N. da Silva, Lisbonne.

BIBLIOGRAPHIA

Bulletin de la Société des Architectes du Nord, Lille.
Architècture en Portugal, Melanges Historiques et Archéologiques par Charles Lucas, Paris.

Notes Archéologiques pour servir à l'Histoire de l'Architècture en Espagne, par Charles Lucas, Paris.

Matériaux pour l'histoire primitive de l'homme, par E. Cartilhac, Toulouse.

L'École de Percier, par Baltard, Membre de l'Institut, Paris.

JORNAES ARTISTICOS E SCIENTIFICOS

Revue de l'Architecture et des Travaux Publics, pour Mr. Cesar Daly, Paris.

The Building News, by C. W. Bradley, London.

American Institute of Architects, New-York.

Indicateur d'Archéologie, par Mr. Caix, Paris.

Artes e Letras, por Rangel de Lima, Lisboa.

NECROLOGIA

Temos o pesar de registar aqui o passamento de alguns dos nossos dignos confrades e consocios, que, pela sua reconhecida illustração e distinctas qualidades, havia sido muito honroso terem pertencido á Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos portuguezes; bem como por serem seus antigos membros e concorrido para o seu bom credito e progressivo desenvolvimento: conformando-nos com este triste dever, damos pela ordem chronologica, os seus nomes:

Srs. Conde da Carreira; Conde de Farrobo; Verissimo José da Costa; Visconde de Valmor; Pedro José Peserat; João José Alves Freineda; Conde de Lavradio; Marcianno Henriques da Silva; Joaquim José do Nascimento Lupi; Antonio José Colffs Guimarães; José da Costa Sequeira; José Maria Eugenio d'Almeida; João Gomes Roldam; João Pires da Fonte; Visconde d'Almeida. E os socios correspondentes estrangeiros: Visconde de Caumont; Mr. Victor Baltard, membro do Instituto de França; Conde Aria, da Italia; Mr. Beulé, Membro do Instituto de França, Paris; e Antonio Mazziotti.